



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

pcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Sterza Justo, José; Costa do Nascimento, Eurípedes

Errância e Delírio em Andarilhos de Estrada

Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 18, núm. 2, maio-agosto, 2005, pp. 177-187

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18818205>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Errância e Delírio em Andarilhos de Estrada

José Sterza Justo¹
Eurípedes Costa do Nascimento
Unesp, Assis

Resumo

Os andarilhos freqüentemente caminham pelas estradas sem destino como nômades que renunciam a fixação social. Não é raro encontrar andarilhos de estrada com manifestações de visões e pensamentos delirantes. Queremos investigar possíveis conexões entre a movimentação constante dos andarilhos e a eclosão de delírios. Coletamos os andarilhos, explorando especificamente os conteúdos alusivos à representação de si, de seu mundo e de sua condição de perseguidoras, megalomaníacas e depressivas, superinvestidas afetivamente, aparecem com freqüência nos pensamentos passado e nas reflexões sobre os motivos do deslocamento constante. Os resultados sugerem que há uma forte relação entre o andarilho sem destino e as idéias e visões delirantes que os acometem.

Palavra-chave: Movimento constante; andarilhos de estrada; pensamento delirante.

Wandering and Delirium in Highway Wanderers

Abstract

Wanderers often walk across the highways without destiny, like nomadic that renounce geographical, psychological and social fixations. It is not rare to find wanderers with manifestation of visions and delirious thoughts. We intend to research possible connections between the constant moving of wanderers and the outbreak of the delirious. We collected and analyzed the wanderers' talk about themselves, their world and their walk across the highways. Previous ideas, megalomaniacal and depressive ideas, super invested of affect, often appeared in their thoughts about present, past and in their reflections about the reasons of the constant moving. The results suggest that there is a strong relation between constant and without destiny moving and the delirious thoughts that emerge inside them.

Keywords: constant moving; wanderers; delirious thoughts.

Supermodernidade, modernidade tardia e pós-modernidade. Sejam quais forem os nomes dados à contemporaneidade, inegavelmente vivemos numa época em que a flexibilidade, a pluralidade, a expansão do tempo e do espaço, a realidade virtual, a exigência de movimentação e a incerteza povoam sobejamente o cotidiano do sujeito. O ser humano vive hoje uma condição de desenraizamento sem precedentes que o torna um sujeito circulante, em movimento, seja no espaço geográfico, seja no social e psicológico.

Associado a um complexo conjunto de fatores que modelam o mundo contemporâneo – tais como a globalização, a virtualização da realidade, a aceleração do tempo, a substituição dos espaços fechados (lugares) pelos espaços abertos (não lugares), a dispersão, o desemprego e a pobreza– o fenômeno da errância se expressa com maior radicalidade na figura extrema dos andarilhos de estrada: sujeitos que perambulam sem destino

perspectivas e sonhos de encontrar trégua, de ter uma moradia e fixar-se num lugar, de ter um lar. Eles abandonam os desertores na época do dromomania, que significa *mania deambulatória* (dromomania). Eles estão há bastante tempo “vivendo” a errância, a perambulação pelas estradas, a condição de *andarilho* e a errância.

Assim como os *dromomanes*, os andarilhos da atualidade rompem com a rotina social, abandonam os lugares de acomodação (família, trabalho, domicílio e tempo livre). O *nomadismo* como forma de vida. Têm sempre num saco que levam às costas e mala que são provisórios e rotativos. Normalmente, uma muda de roupa, um plástico para se proteger do sol ou chuva, um

constantes da família (deslocamentos do nordeste para o sudeste, mudanças de regiões ou de propriedades rurais, êxodo do campo para a cidade), baixa escolaridade, desqualificação da mão-de-obra, uso abusivo de bebidas alcoólicas, conflitos familiares que incluem a morte dos pais e desentendimentos entre o casal, o desemprego prolongado, a desesperança, a falta de seguridade social, a desfiliação e tantos outros acontecimentos tornam o sedentarismo insuportável, impulsionando o sujeito a buscar na “estrada” alguma chance de minimizar o sofrimento (Castel, 1994, 1995/1998; Jacques, 1998; Justo, 1998; Nascimento & Justo, 2000; Singer, 1999; Snow & Anderson, 1992/1998).

Vivendo na situação extrema de isolamento, desassistência, solidão e desamparo, não é raro encontrar casos de andarilhos de estrada com manifestações de persecutoriedade e pensamentos delirantes de si e do mundo, bem como delírios derivados do consumo abusivo de álcool durante muitos anos (Justo, 2000; Snow & Anderson, 1992/1998). Boa parte desses andarilhos é formada por egressos de hospitais psiquiátricos que foram lançados, *larga manu*, ao “mundo” pelas políticas de desinstitucionalização estabelecidas para combater o modelo asilar de confinamento da “loucura”, vigente até há bem pouco tempo. Porém, também aqueles lançados à errância pela miséria e pelo desemprego acabam expostos à produção de visões e idéias delirantes.

Liberados do confinamento forçado e sem a possibilidade de um reassentamento social mínimo, mediante o resgate de uma moradia, trabalho, dos vínculos familiares, acabaram encontrando na perambulação pelas estradas ou na itinerância de cidade em cidade, a única forma de sobrevivência. Outra parcela dessa população, embora originária dos desalojamentos progressivos do trabalho, moradia, da família e demais vínculos psicosociais, acabou encontrando nos longos anos de errância pelas estradas, apenas a companhia dos próprios delírios. (Justo, 2000, p. 20)

Assim, desfilados ou deserdados dos nichos sociais e das redes que conectam os indivíduos entre si, provendo uma sustentabilidade e uma ancoragem mínima, os andarilhos acabam movimentando-se a esmo, tanto no plano geográfico, como no psicosocial. A passagem do sedentarismo para o nomadismo, no caso dos andarilhos de estrada, implica fundamentalmente o abandono das referências identitárias fixas e estáveis. Ou seja, ocorre um distanciamento dos referenciais externos e internos, estáveis e perenes, tomados como

matas, plantações, eventualmente uma casa de campo rural, animais e tudo o que mais “passa” pelo “gogó de ema” - saco que carrega às costas e que em seu cotidiano e que o acompanha diuturnamente. Ema é uma gíria utilizada pelos andarilhos para que carregam. Segundo eles, tal como o pará, também comporta qualquer coisa e está sempre ali.

Diferentemente do que ocorre na vida seca, é quase inexistente na vida do trecheiro. Cânticos, gole de cachaça, pernoite, e assim por diante, são diferentes das anteriores, tornando cada ato de vida uma necessidade um ato inovador revestido de descobertas. O esforço pela sobrevivência acaba sendo uma labuta individual e solitária. Ele vive, ainda que em isolamento e rarefação de relacionamentos.

A grande referência identitária desses sujeitos é a memória. Embora carregando a história de vida, as lembranças vividas, o nome, os marcos da origem e das funções exercidas, e apesar de se reconhecerem por essas ancoragens como referência pessoal mais imediata, os andarilhos autodenominam “trecheiros” e se reconhecem fundamentalmente por habitarem esse espaço de memória.

“Trecho” e “Trecheiro”, portanto se confundem e constituem no “trecho”, isto é, na andança, no deslocamento, no trânsito, no espaço relativamente ilimitado, sem pontos de fixação. As constantes referências e rotas percorridas denotam a importância para o sujeito do espaço vazio que interliga as cidades.

O trecho pode ser o caminho percorrido por pessoas de diversas estradas, cidades, estados atravessando fronteiras e estrangeiras, até o modo de viver a terra, de se locomover. Pode ser, também, uma alusão à memória de um lugar habitado que, nesse caso, tal como a tartaruga, acompanha o sujeito por onde passa.

A mobilidade e a volatilidade do universo do andarilho o expõem a uma experiência contínua, semelhante à de um viajante, um turista ou estrangeiro, à condição de transeunte, passageiro ou estranho, que o sujeito comprometendo seu reconhecimento e reconhecimento do estrangeiro. Segundo Ferreira (1999):

movimentações psicológicas e subjetivas, também elas podendo assumir um caráter errático.

Calligaris (1989), discutindo a estruturação da psicose, pergunta: “O que é a organização de um sujeito estruturado na psicose, mas que nunca entrou numa crise delirante?” (p. 13). E responde:

É um sujeito eminentemente errante, errante no sentido da errância não do erro. ... Trata-se de um horizonte de significações que não é organizado ao redor de uma significação central que organizaria todas as outras. E, como consequência dessa posição, o sujeito tem que errar. Mas errar não na procura de algo que poderia ser encontrado como significação final, nada disso. Isso seria mais o ‘erro neurótico’ do que o ‘errar psicótico’. Errar porque não existe um lugar a partir do qual podemos medir a significação do que estamos fazendo. Nesta medida é evidente que a única coisa que resta é percorrer todos os caminhos. (p. 13)

O andarilho, psicótico ou não, parece estar constituído nessa estrutura de ausência de um eixo central organizador de sua vida, de suas buscas no plano afetivo, social ou econômico. Não está orientado para objetivos, finalidades e nem articula os sentidos de suas ações e realizações a algo que possa organizar e dar alguma significação geral a seus atos de rotina. Parece viver, efetivamente, essa condição de fluidez e errância tanto no plano externo como no interno. Não erra apenas no plano geográfico, mas através do delírio, erra no plano psicológico exatamente para não possibilitar o conhecimento e o consequente questionamento e controle de suas crenças pelos outros, o que seria inevitável em relacionamentos intensos e próximos. O psicótico e o andarilho talvez se refugiem em suas idéias e delírios para manterem, com a solidão, a sua crença.

interpretativa, seu caráter errático e errante no sentido de fugir das convencionalidades cognitivas estabelecidas, sua capacidade de fazer o pensamento percorrer caminhos inusuais e realizar conexões extravagantes e absurdas e, ainda, sua função restauradora, ou seja, sua tentativa de recompor o sujeito no cenário do seu mundo.

Partindo destas considerações, o presente artigo, derivado de pesquisa baseada em estudo de caso, tem como objetivo apresentar, analisar e discutir as narrativas delirantes vivenciadas por andarilhos de estrada, procurando demonstrar conexões entre a produção delirante e a condição de errância na contemporaneidade.

Método

Tais narrativas foram obtidas através de entrevistas realizadas nas rodovias das cercanias da cidade de Assis, São Paulo, e no Cetrem (Centro de Triagem e Encaminhamento do Migrante) dessa mesma cidade. Tal entidade assistencial é mantida pela prefeitura municipal e é responsável pelo recolhimento de toda população migrante que passa pela cidade: mendigos, moradores de rua, itinerantes em busca de trabalho, trecheiros e andarilhos.

As entrevistas semi-estruturadas procuravam focalizar a história de vida do sujeito tentando percorrer os fatos e acontecimentos que foram mais significativos para ele, sua compreensão dos motivos que o levaram a romper com o sedentarismo e sua compreensão dos sentidos da errância ou da vida no “trecho”.

No Cetrem, apesar da curta permanência dos sujeitos nesse local, foi possível realizar as entrevistas numa situação bastante favorável. Tendo-nos sido cedida uma sala isolada; pudemos estabelecer contatos preliminares expondo os objetivos do trabalho, propondo o “contrato” e realizando uma primeira escuta das demandas do sujeito; fizemos retornos em função das necessidades da pesquisa ou de demandas do sujeito surgidas ao longo das sessões de entrevista. Tudo isso, tornou possível a constituição de relacionamentos marcados pela compreensão da natureza do encontro, pelo senso de compromisso e responsabilidade com o acordo estabelecido e pela confiança entre as partes.

As entrevistas realizadas nas estradas tiveram um enquadramento bem diferente, o que não significa perda de qualidade ou de confiabilidade nos dados obtidos. Nesse caso, o procedimento foi modelado conforme as condições em que vivem os andarilhos, ou

dispondo-se, inclusive, a sentar-se à sombra de árvores ou em algum outro recanto um pouco mais recuado, mais confortável, mostrando-se bastante à vontade com a nossa presença.

Evidentemente que, nessas condições de campo, restringiram a um único contato, tornando o estabelecimento de um *rapport* mais efetivo e aprofundado para aprofundamentos ou esclarecimentos sobre o assunto. Apesar dessas limitações, o contato com o sujeito na estrada oferece outras vantagens. Ocorre que o sujeito, num momento em que está vivendo plenamente sua condição de errante e insere minimamente nessa condição, permitindo-lhe um contato mais breve, com alguns aspectos desse cotidiano: o trânsito na rodovia, o impacto do vento produzido pelos veículos, a sensação de medo e insegurança, a velocidade e proximidade dos veículos, a sensação de aridez da estrada, a solidão expressa no encontro com terras contíguas ao acostamento completando outras sensações provocadas por esse lugar.

Para assegurar a privacidade e o sigilo das informações fornecidas pelos sujeitos, foram utilizados roteiros para destacar, ainda, que o roteiro de entrevistas de 1996/96 sobre pesquisas envolvendo seres humanos (Resolução da Saude (1996), sendo sua aprovação emitida pelo Conselho de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina da USP).

Resultados e Discussão

Caso 1: Uma História Delirante

Messias. Messias é um rapaz de 36 anos e já está na estrada há 15 anos. Quando o encontramos no Cetrem, estava com a mão direita engessada devido a um acidente que sofreu na noite anterior na Rodovia Raposo Tavares (SP-270) rumo à cidade de Presidente Prudente, São Paulo. Nessa ocasião, nos disse que foram baleados por pessoas que tentaram matá-lo, fazendo referência aos primeiros dias de estrada, segundo ele, o estavam perseguido há muito tempo. Conta que resolveu abandonar o lar. Conta que teve uma infância conflituosa após o “sumiço” do pai que, segundo ele, era policial, e que foi perseguido por outros policiais durante o regime militar. A partir daí, abandonou o lar e optou, no início, por um estil

falei com Deus, dentro de meu ser, né, e falei: “olha Deus, eu vou andar pelo mundo, pelas estradas, por esses asfaltos, por essas linhas de trem com o propósito... eu tinha perdido era meu pai em 1979, até um dia eu encontrar ele porque ele saiu de casa, foi para uma penitenciária... e eu já sabia das coisas que acontecia dentro da Polícia Militar, que ele sumia com as pessoas e dava notícias daquelas pessoas que tinha morrido”. Eu saí pelo mundo, um andarilho me tornei aí, na finalidade de encontrar meu pai... e pagar os meus pecados daquela vida do passado, do hippie, daquele que tirava talvez um prato de comida da boca de uma criança pra gastar com maconha, com álcool, em coisas soberbas. Então por causa disso hoje eu prefiro ficar na classe dos andarilhos.

Messias também nos conta sobre seus sentimentos ambivalentes com sua mãe, renunciando ao seu amor por ela devido ao desaparecimento do pai. Ele nos revela que é difícil compartilhar seu amor somente com a mãe, pois, para ele isso só seria possível na presença do pai. Desconfiado das histórias que lhe contaram quando criança sobre o paradeiro de seu pai, passou a duvidar das explicações fornecidas pelos policiais militares e decidiu investigar essa história pessoalmente no caminhar pelas estradas, levando, inclusive, mensagens divinas por onde passa:

... a minha mãe é uma grande senhora, dona de si, mas pela morte de meu pai e o meu amor que tinha perante os dois até os 17 anos, eu achei que não adiantava ficar com minha mãe, dando amor para minha mãe, sabendo que meu pai eu iria descobrir pra ver se tava morto ainda. Porque aquelas histórias de ter morrido numa cerca de arame, de um raio, pelos delegados, passou por todos eles, mas dentro do meu coração, não, então eu sabendo disso pra não dar o amor, que eu sempre queria dar o amor meu para meu pai, minha mãe, eu resolvi não dar mais para nenhum dos dois mais... Se me pai morreu, eu achei que minha mãe não merecia meu amor... mas eu também cheguei um ponto de tanto sofrer no mundo, que para mim não dava êxito e então estou aí na estrada procurando meu pai pra mostrar pros policiais que eles estavam enganados, que ele tá vivo morando em alguma mata por aí e eu vou achar ele, se Deus quiser porque dentro do trecho, eu dizendo pra você que a única coisa que temos que respeitar é Deus. Deus e os superiores, as autoridades das forças maiores e não se levar por espíritos malignos, perversos que existem na face dessa Terra... um dia todos nós vamos morrer e nós não sabemos nada desse mundo... hoje eu tento pregar a palavra de Deus.

Decididamente, o ápice da narrativa de Messias é apresentado a seguir quando compara a vida de andarilho com a caminhada de Jesus para o Calvário, associando o sofrimento da estrada carregando

morte, todas as pessoas que me ajudaram, calculo mais ou menos umas 40.000 pessoas, ajudaram, a minha família é 10, mas 50.000 (sic) é a multiplicação. Já posso percorrer o mundo, um dia eu posso ser um herói da humanidade dos pecado, só isso.

O conteúdo dessa fala é um exemplo de interpretações delirantes despertadas na trajetória de um andarilho, que se configuram como condutas de andarilhos possam ser bizarras ou até mesmo desvirtuadas, dinamismo que percorre essa interpretação delirante. São nítidas as interpretações feitas pelo próprio sujeito entre si, errante, e os sentidos que atribui a sua fala.

A culpabilização é um dinamismo que pode ocorrer nas subjetivações desse andarilho. É explícita, quando se responsabiliza por ter causado a outros, vendendo implicitamente, quando se refere à figura materna por entender que a mesma colocá-lo num segundo plano para vender seu amor a ele em função de sua ausência.

A busca do pai, a procura de um parente desaparecido enigmaticamente, se torna um projeto próprio, alude a uma experiência de busca por parte do sujeito, como perda da figura paterna alterada por um parente desaparecido, ausente, também morto. Deus em quem disse ter encontrado a si mesmo, dos pecados, tornado como o sentido de vida de um andarilho. Conforme suas palavras, a busca é para encontrar seu pai, pagar seus pecados, transformar-se num Deus e ajudar os outros.

A megalomania e a inflação de si, formações bastante comuns nos delirantes, muitos se atribuem missões de salvar a humanidade e entendem suas caminhadas como missões de Deus, desse designio. É frequente, ainda, deles se considerarem superpotencializados, e superpotencialização de si, imaginando que são heróis, tal como Messias fala de andarilhos que têm imortalidade podendo, inclusive, serem heróis em pleno trânsito das estradas.

por interpretações que resultam em narrativas de estilo épico caracteristicamente desenvolvido em torno de feitos heróicos de um personagem central capaz de desafiar e vencer os mais temíveis perigos em prol da coletividade.

Dentro dessa “lógica” delirante, o caso de Messias se distingue de outros andarilhos não delirantes por produzir uma narrativa tão singular que o diferencia, também, pelas estratégias de sobrevivência utilizadas na estrada. Em sua labuta cotidiana, parece que essa condição de vida, permeada por sofrimento, desmazelo e situações extremamente precárias, tem pouca ou quase nenhuma importância para ele. Tudo é compensado por seu sonho de se tornar um Deus e poder realizar a gloriosa missão de “salvar” a humanidade dos pecados. A perambulação constante e todas as demais condições objetivas que acompanham sua existência são assimiladas e justificadas como parte de seu processo vital e de seu projeto de vida.

A fluidez que permeia seus “delírios”, dada pela ampla possibilidade de estabelecer nexos associativos entre as imagens e as percepções que brotam do seu presente e das recordações de seu passado, parece lhe proporcionar um certo sentido de vida aparentemente indolor em que a lógica da realidade é rarefeita e desconsiderada de impressões do cotidiano. A função restauradora do delírio, nesse caso, fornece generosas compensações para as percepções e vivências das condições de pobreza extrema e dos sofrimentos deflagrados por conflitos emocionais e afetivos ocorridos nas relações familiais. As perdas dos vínculos com a família são compensadas, tal como transparece em sua fala, pela multiplicação de seus relacionamentos hoje beirando a cifra de 40 ou 50 mil pessoas, segundo seus cálculos, que o ajudaram e que agora toma como sua grande família. A compensação maior de toda situação de paupéria e sofrimento, vivida no passado e no presente, é dada pela sua expectativa de transformar-se em Deus dessa nação que julga estar criando em torno de si. A pobreza, o sofrimento e a condição de errante são transformados em vantagens ou dádivas que permitem sua ascensão ao topo maior das aspirações humanas: um lugar ao lado de Deus.

Messias parece viver sua *errância* de maneira “livre e desimpedida” por não estar inserido nas armadilhas da fixação social que pode, às vezes, aprisionar o sujeito e impedi-lo, assim, de desfrutar a autonomia que a transitóriedade nos espaços abertos pode tornar

A crença de Messias de que as agruras de vida serão recompensadas pela sua beatificação é sem dúvida comum que também acredita que seus sofrimentos divinas para o acesso ao paraíso celestial. Considerando a diferença entre um delírio psicótico propriamente dito e deliróide: ambos assumem um caráter sobrevaloração cognitivo fornecendo recursos psicológicos de apoio e apaziguadoras dos conflitos emergentes nas suas vidas. A diferença entre ambos é a intensidade da sobrevaloração, das crenças estabelecidas e a abrangência de sua crença. Ele vive intensamente uma crença no seu devir bem-sucedido, no todo seu cotidiano e todo o sentido de sua vida, em cada acontecimento.

Caso 2: Delírio Associado ao Abuso de Álcool
Dionísio. Dionísio é um rapaz de 41 anos de idade, que nasceu e cresceu nas rodovias da Serra Gaúcha, entre as cidades de São Leopoldo e São Borja, pelas rodovias há 11 anos. Sua história de vida é marcada por conflitos no núcleo familiar desde a morte de seu pai, quando contava com 8 anos de idade. Após a morte de seu pai, sua mãe emigrou para a cidade de São Paulo em busca de melhores oportunidades de trabalho. Dionísio nos conta que era maltratado pela mãe que o prendia no chão, que, entre um conflito e outro, acabou interrompendo sua infância com 9 anos de idade. Apesar de ter sido criado por sua mãe, que era solteira, com uma das irmãs até a idade de 20 anos quando se casou com um filho desse relacionamento que durou apenas 10 anos, que nessa época fazia uso pesado de bebidas alcoólicas, pressionado a arcar com o ônus da vida social, com o pagamento de aluguel, despesas domésticas, entre outras responsabilidades, resolveu abandonar a casa de sua mãe, que era sedentário e perambular sem destino de onde sairia.

Ela [esposa] simplesmente não conseguiu se adaptar ao meu jeito de ser, dela, me pressionava o dia inteiro, me xingava, me ameaçava, me ameaçava, e acabou, levou meu filho embora... ai resolvemos ir para São Paulo, buscar um trabalho e só assim até hoje... às vezes, só para dormir num tempório] num lugar e outro, mas a bebida sempre me acompanhava... quando começo a passar dificuldades, humilha, a gente passa muita humilhação andando de casa em casa, se dane, eu vou beber mesmo, eu quero beber, eu quero sair da realidade... porque quando a gente está assim, é muito cruel da maneira que tá, é difícil conseguirmos conviver com isso.

... já que é assim, não resolve fugir dele... Ele quer te pegar, mas cê é mais esperto, entra no mato, se esconde... o elefante branco, cê tem que sair correndo senão ele te pega e te leva, mata... então o que acontece? Eu agüentei 42 dias! Quando passa os primeiros 20 dias, me ataca os nervos de uma maneira que eu começo a maltratar as pessoas... não é que eu sou agressivo, mas parece que é a falta de álcool no sangue... que nem eu tô aqui [Cetrem] pra ver se consigo um sapato, ou um chinelo que seja... meus pé tá cansado de pisar nesses bichos... baratas, vermes de todo os lados onde cê vai tem eles... eles brota do chão igual água e cê tem que passar, não tem jeito, não tem outro caminho, cê tem que seguir em frente... uma vez tive internado num hospital de louco, eu já passei uma experiência, 04 meses foi uma maravilha, 04 meses saí de lá, fugi, sendo que era pra ficar mais tempo... com 09 meses eu voltei a beber e depois disso desandei... eu tenho pavor, tenho medo de passar o que passei...

O relato de Dionísio expõe uma trajetória de vida bastante comum entre os andarilhos. Migração da família, vivência intensa da penúria, sofrimentos e abandono na infância, desavenças no relacionamento com a mulher e alcoolismo. O uso de bebidas alcoólicas invariavelmente é justificado como um poderoso sedativo para os sofrimentos vividos tanto no sedentarismo como na errância, um meio de esquecer o passado, como muitos afirmam ou de “sair fora do ar... sair da realidade”, como enfatiza Dionísio. Freqüentemente, os andarilhos mencionam em suas histórias de vida que o uso de bebidas alcoólicas marcou profundamente o ápice da crise que culminou com sua deserção da vida sedentária. Mencionam também que a bebida ajuda a suportar as adversidades e a solidão da condição de errantes (Nascimento & Justo, 2000).

Embora o alcoolismo e o uso abusivo de outras drogas possam ter como pano de fundo um quadro de dependência fortemente enraizado na estrutura psicológica do sujeito, a fronteira entre o uso autônomo e o uso dependente do álcool não é sempre fácil de discernir, especialmente entre os andarilhos de estrada. Seja como for, o fato é que Dionísio se declara dependente de bebidas alcoólicas e toma seus pensamentos, mergulha neles, com um enorme senso derealismo. Os inusitados episódios dos “vermes que brotam do chão” e a história do “elefante branco” podem ser tomados como uma produção delirante de seu pensamento, mas, obviamente, isso não quer dizer que seja uma idéia ou uma imagem desconexa, arbitrária e desprovida de sentido ou de inteligibilidade. Pela experiência que acumulamos no tato com o universo dos andarilhos e sabendo do

sus intermináveis jornadas e a cada dia a vida errante parece propiciar, pelo menos, vivenciar seus delírios sem o incômodo regime de confinamento e disciplina.

Dionísio fala das transmutações e oscilações de seu estado de espírito, quando para beber ou no trato com outras pessoas, quando do uso do álcool ou da abstinência, quando “trecho” como consequência da ira, com a mulher e dos atritos e discórdias de álcool e ao desemprego. Parece um esforço de se distanciar de tudo o que sente e sofre: a mulher, o elefante branco.

Mesmo sendo potencializados por conteúdos de seus delírios denotando situações de risco, embora assumindo uma dinâmica própria, é uma condição objetiva de existência, de desemprego e da miséria. Denunciando tantos “elefantes” que ameaçam esmagá-lo, que “correr” ou fugir para sobrepujar os obstáculos como metáforas através das quais expressa hostilidade e a rejeição, presentes nos relacionamentos e nas fundações de sua vida.

Caso 3. Sr. Felipe e um Delírio Megas.
Sr. Felipe. Sr. Felipe foi um dos andarilhos com quem encontramos e entrevistamos no Rio de Janeiro. Quando ele tivemos a oportunidade de ressaltar que havia permanecido cerca de uma semana na casa de um parente, da cidade de Marília, situada na região de São Paulo. A primeira entrevista foi realizada no dia 10 de junho, aproximadamente nessa cidade, na qual ele havia ocorreram junto à barraca que morava, nas imediações do trevo de acesso à rodovia.

Diferentemente da maioria dos andarilhos, ele levava consigo um carrinho, ou melhor, uma cesta com um cachorro que o acompanhava: um cão que havia sido salvado sua vida algumas vezes. O animal costumava acostumar-se bastante precariamente, com a barraca, assentada sobre duas rochas que formavam o caixote onde dormia.

e matérias sobre sua aventura, feitas por repórteres das cidades por onde passava interessados em sua epopéia.

Nascido na Argentina e falando uma mistura de português com espanhol, tinha aproximadamente 55 anos de idade, era bastante receptivo ao contato, falava com eloquência e ficava à vontade, às vezes, dando gargalhadas. Seu olhar era fúlgido, dificilmente fixava-se no interlocutor e possuía dois tiques nervosos que ocorriam com bastante freqüência. Num deles, repentinamente, esfregava freneticamente os dedos na palma de uma das mãos dizendo rapidamente: “*plata, plata, plata, cuatro puntus cardinales*”. No outro, coçava o canto de um dos olhos dizendo: “*Sacaran... mi ojo izquierdo*”. Quanto ao primeiro tique, quando o indagamos sobre o significado daquele gesto, disse que o mundo estava dominado pelo dinheiro e que essa era a origem dos conflitos entre as nações. Sabemos tratar-se de um gesto antigo que, segundo a crença popular, tem o poder de atrair dinheiro. Quanto ao segundo, nos contou que, ainda quando morava na Argentina, teria sido vítima de uma bala disparada por um assaltante perseguido por policiais no interior de um ônibus urbano. Porém, havia se recuperado desse acidente com a ajuda do sol e da lua tidos por ele como seus guardiões.

Conta que sua vida foi marcada por longas andanças. Partiu da Argentina em um navio e desembarcou em Paranaguá, Paraná, daí seguindo a pé por várias cidades como Curitiba, ainda no Paraná, Santos, em São Paulo e Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Em todas as entrevistas respondia prontamente às nossas perguntas, porém, logo começava a deslizar sobre seus delírios acrescentando comentários e relatos de acontecimentos e façanhas bem distantes do que havia sido perguntado e do assunto que estava sendo abordado.

Por várias vezes declarou convictamente que era filho do sol e da lua que lhe davam total proteção e imunidade absoluta, inclusive contra a morte, para levar adiante sua missão de salvar o mundo das armas e das guerras. Dizia textualmente: *La luna es mi mama y el sol es mi papa. Mi elegeran como su hijo en la tierra. Por isso, soy indestructible, porque tengo la protección del sol e de la luna.*

Acreditava que possuía a missão de salvar a humanidade da guerra e por isso tinha que percorrer o mundo. Dizia-se um pacificador em busca do desarmamento e do desmascaramento de governantes gananciosos capazes de arruinar a humanidade. Dizia ainda,

grandioso e pela auto-imputação de uma missão heróica na qual até Cristo teria fracassado.

Numa das entrevistas, o encontramos sempre improvisado com um pedaço de tronco de árvore ou placas dos carros que passavam. Quando perguntamos o sentido daquilo respondeu simplesmente: “*para seguir, pegar uma folha de jornal que esse é o que comecei a escrever, na parte de cima, a história do Titanic. Seu texto dizia que em 1912 o Titanic saiu a mando do capitão Tupamaro, com mil passageiros, matando mil pessoas. Ao terminar de escrever a carga da caneta, rolou sobre o polegar direito e fez impressão digital como assinatura. Logo dei esse lado usada como copo - não lhe caíra bem. Depois reprocessava o pó de café e restos de mate já que o lixo para fazer seu café e seu chá.*

Quando questionado sobre a possibilidade de viajar para aquela sua missão - de errante - e que uma vez levava todas as mulheres do mundo para si e, em seguida, para a Argentina. O Sr. Felipe parecia contente e satisfeito com o que levava. Afirmou que não passava fome, que não precisava auxílio da população rural ou das cidades. Não se queixou da sua condição e não demonstrou preocupações com o provimento das necessidades. Mostrou-se, aliás, muito preocupado com os destinos do mundo.

Seu delírio de *pacificador da terra* a mando de *la luna, el sol e a luna* preenchia-o completamente e dava realização às suas necessidades básicas de sua existência. Sentia-se útil à sociedade, considerando sua missão como o seu trabalho. Às vezes afirmou que esse era seu trabalho ao qual se afincou diariamente. Praticamente tudo que fazia era placas dos carros que passavam pela rodovia, revistas e jornais, escrever) atribuía às necessidades que relacionava à sua missão.

Mostrava-se resignado com a tarefa que lhe era dada, dos sacrifícios que tinha que fazer para realizar seu exemplo, que não podia gozar da companhia de amigos, significaria cair em tentação e desviaria-se de sua missão.

rodoviária também esteve lá exigindo sua transferência para um lugar mais seguro. Sr Felipe acabou abandonando o local e seguindo sua caminhada o que faria independentemente de qualquer pressão.

A condição de caminhante parece ter sido bem ajustada aos conteúdos dos seus delírios e ao sentido básico de sua vida. Nada mais apropriado do que andar pelo mundo para quem tem a missão de promover a paz no planeta e entre os povos. Nesse caso, é notável a presença de um delírio bastante fabulatório, imaginativo, megalomaníaco e paranóide centrado numa firme convicção de ter sido habitado por uma vontade superior que lhe conferiu qualidades especiais, como a imortalidade, um grande poder e a graça de realizar uma missão extraordinária.

Outro aspecto também bastante notável e significativo é a presença das figuras maternas e paternas nos delírios. Tanto o Sr. Felipe como Messias aludem a essas figuras colocando-as num lugar de destaque em suas fabulações. O primeiro fala do sol e da lua como seus genitores que lhe asseguram a máxima proteção e lhe dão poderes especiais, inclusive, a invulnerabilidade contra os ataques de inimigos e malfeiteiros. O segundo atribui sua errância a uma necessidade incontrolável de procurar o pai desaparecido enigmaticamente, ainda na sua infância.

Ambos parecem profundamente marcados por um desamparo primevo, uma desfiliação originária que os teria desligado de vínculações psicosociais que fornecessem as bases para uma sedentarização. A remissão do desamparo primordial às figuras parentais torna-as catalisadoras de tantos outros desamparos e desfiliações vividos nas relações sociais mais amplas moduladas por um sistema sócio-econômico que aprofunda o individualismo, a competitividade extrema, o consumo, o endividamento, a volatilidade, a dispersão, a rarefação de vínculações estáveis e tantas outras condições que se amplificam ainda mais com a pobreza.

Não tendo cristalizado referências pessoais remetidas a um determinado território psicosocial, fomentador de uma identidade sedentária, buscam na errância ancoragens absolutas representadas pela figura de um pai supremo – Deus – que julgam poder um dia encontrar ou até mesmo assumir o seu lugar. A identidade sedentária, ou seja, representações de si remetidas a um determinado território psicosocial que permitem ao sujeito reconhecer-se como uma continuidade no tempo e no espaço, cada lugar e uma identidade nômade onde tal permaneço-

como a permanência de repre movimentação e à errância.

Se antes havíamos afirmado o andarilho, ao falarmos de sua la necessário não perder de vista qu perambulação constitui a repetição andarilho e é exatamente por ela que seus pares. Portanto, parece que “nômade” quando nos referimos a fundamentalmente, como errantes a outro. É necessário ainda esclar conceito de “identidade nômade” andarilhos, sem pretender esten nomadismo.

Retornando à análise dos delírios radical da errância psicosocial, cabe ser apreendido nos três casos apresentados a própria do andarilho, possibilita a vivência premidas por fugas persecutórias, sedentarismos opressivos e produzindo insuportáveis, desfiliações sócio-afetivas contemporâneas de produção de des

Messias não compara, simboliza errante com a de Cristo carregando entre o “Eu” e o “Outro”, vivendo com Cristo acreditando que, com a beatitude. Sr. Felipe, da mesma forma, Cristo enviado a Terra para, com sua missão, o espírito de paz e evitar a guerra.

Trata-se de encontros radicais em dimensões imaginárias, gestadas num estado de alteração de consciência, de diferenciação Eu–Outro ou Sujeito–Objeto, com possibilidades de expressão ameaçadoras, do cotidiano do andarilho como pelas suas vivências e dos mecanismos de controle social.

Se a condição de andarilho é retroalimentada, estabelecendo um vínculo entre o sujeito e o entretanto, que sejam companheiros de viagem. No entanto, todo andarilho está fadado a provar que muitos casos de andarilhos que vivem deliríos como aquelas que acometem

como um aprisionamento a uma compulsão para a caminhada, por exemplo.

Em segundo lugar, as esferas que diferenciamos na constituição do sujeito, como a psicológica, social, geográfica, cultural e assim por diante, não se interligam mecânica e automaticamente. Por exemplo, uma errância geográfica pode se contrapor a um sedentarismo psicológico como ocorre com viajantes que se aferram a determinadas idéias, crenças e vínculos afetivo-emocionais.

Nos casos que trouxemos aqui para discutirmos as relações entre errância e delírio estamos convencidos de que retratam sujeitos nos quais a errância se expressa de forma radical atravessando-os em todos os planos de sua constituição.

Conclusão

A condição de viver em movimento, a provisoriade de cada momento do cotidiano, o afastamento de referenciais fixos e estáveis e o distanciamento dos marcos de sua história e origem expõem o andarilho a uma possibilidade de desestabilização total de seu Eu lançando-o na errância psíquica típica dos estados psicóticos. Tal condição de errante, embora vivida de forma radical pelos andarilhos, parece não ser exclusiva deles estando sendo disseminada hoje, progressivamente, por todo o corpo social.

O mundo contemporâneo, comprimindo cada vez mais o tempo e o espaço, tende a mergulhar o sujeito numa situação de constantes movimentações psicosociais e geográficas, expondo-o a uma experiência bem próxima da psicose. Tanto os considerados “loucos”, como os “não loucos”, são todos desalojados dos “lugares” para os “não-lugares”, vivendo a errância como um trânsito constante de um lugar a outro.

O fenômeno da migração é o mais conhecido e estudado dentro dos deslocamentos de populações produzidos pelas exigências de movimentação ao longo da história. A figura do estrangeiro e do viajante, desde a antiguidade, tem seu lugar no imaginário social e operou como força considerável na dinamização da economia, da política e da cultura.

Na psicologia clínica, o migrante invariavelmente aparece como mensageiro do sofrimento psíquico disparado pela mudança abrupta e radical do cenário do cotidiano. O choque de realidades culturais distintas e o efeito de estranhamento de si mesmo produzido nessa

andarilho não se choca porque não se confronta com o mundo recolhendo-se na solidão do “trecho”. à dinâmica da atualidade. Vive sem raízes, sem memória do passado ou da terra natal, sem ilusão de progresso na sua vida, solitário, imediatista, individualista

Fugindo dos aprisionamentos do sedentarismo solitário e sem rumo, torna-se morada privada constituídos na deserção ou num “lugar de fora” afetivos e cognitivos sulcados na lógica psicosocial. O delírio pode ser compreendido como expressão do pensamento ou da percepção que escapa da referência da subjetividade, um significante central que se organizariam as demais significações. Analogamente, também escapam de um lugar identitário – um local geográfico no qual se encerra a subjetividade sem rumo, no amplo horizonte de uma subjetividade sem fixação, em pleno movimento e sem fixações: uma subjetividade nômade.

Entretanto, se no momento de ruptura com o mundo o andarilho vive intensamente essa libertação das restrições que o enclausuravam num determinado campo psicosocial, acaba também sendo prisioneiro de si mesmo, que o impulsionam às constantes e intermináveis rotas de um tempo de estrada, entre idas e vindas, variando o retorno ao sedentarismo e, sobretudo, depois de ter vivido os sofrimentos das condições de vida comunitárias, assumir a identidade de errante, incorporando o desejo de perambular e o temor de qualquer transformação das constituintes fundamentais de sua pessoa.

As idéias delirantes, quando irrompem, expressam a vivência da errância. Primeiro, tais idéias abandonam o exame crítico convencional, ou os cativeiros mentais, e passam a buscar a compreensão de si mesmo, suas percepções, representações e conexões mais variadas, escapam de enquadramentos e corredores associados à “normalidade cognitiva”. Segundo, os cativeiros delirantes denunciam os conflitos e os sofrimentos que os potencializados por ela.

Os estados maníaco-depressivos são claramente ligados ao mundo dos andarilhos. As intensas queixas de sofrimentos no gregarismo sedentário, a renúncia à convivência social, a solidão, a alienação, a despersonalização, a

sedativos para as angústias e os sofrimentos vividos no desamparo e na extrema solidão. As imagens que criam de si como “heróis” que conseguiram se lançar à realização de uma missão profética ou mesmo aquelas imagens mais suavizadas em que se retratam como destemidos desbravadores de caminhos desconhecidos em busca de um sonho de liberdade indicam a tentativa maníaca de compensar as imagens de impotência, miserabilidade e fracasso que se doam fartamente para a percepção de si mesmo e de seu mundo.

A paranóia é outro dinamismo bastante visível nos delírios dos andarilhos. A persecutoriedade aparece com bastante freqüência sob a forma de imagens e idéias que denotam temores, perigos e ameaças que rondam suas mentes. O engrandecimento narcisista que infla o “Eu”, permitindo ao sujeito visualizar-se como um grande personagem da história da humanidade, portador de uma missão megalomaníaca, acaba por trazer, em contrapartida, também a reconversão da hostilidade projetada no mundo, colocando o próprio sujeito como centro da ira ou de tramas de adversários. No mínimo, aparece nos delírios paranóides a suspeita de que inimigos ocultos estão tentando solapar a missão megalomaníaca para impedir a realização da grande obra, como acontece com o Sr. Felipe.

A persecutoriedade é companheira inseparável dos andarilhos, seja em grau elevado, fomentando delírios ou atuando de forma mais amena despertando sentimentos de desconfiança e atitudes de suspeita e distanciamento dos outros. O “trecho” é visto como um “mundo selvagem”, sem regras, sem proteção ou garantias coletivas de qualquer natureza. De fato, caminhando sozinhos pelos acostamentos das rodovias estão completamente expostos às mazelas da natureza e à arbitrariedade daqueles que se impõem como donos da estrada, essa “terra de ninguém”. Soma-se à percepção dos perigos da estrada, a irrupção dos fantasmas de hostilidades vividas nas experiências afetivas primevas, tornando o mundo do andarilho prenhe de temores e alertas, sinalizando a abundância de adversidades.

A mobilidade extrema, a solidão, a volatilidade das referências identitárias e o esmaecimento do Outro potencializam movimentações psicológicas de cunho nômade e errante possibilitando a eclosão de idéias delirantes com as quais o andarilho apreende e representa ele mesmo e o seu mundo. Seja qual for o delírio, mesmo sendo tomado como uma visão e compreensão da realidade que salta das percepções, dos raciocínios e das lógicas dominantes, é necessário decodificá-lo em sua própria lógica, em

simbolização para apreendermos o mundo que produz.

Os desvarios delirantes são compreendidos nos processos psicopatológicos que expressam de forma contundente e resolutiva a experiência de aprisionamento, controle e sujeição. Mais do que isso, os delírios dos andarilhos são também como expressões de uma realidade de vida presentes na sociedade contemporânea que podem ser compreendidos como expressões de

Referências

- Calligaris, C. (1989). *Introdução a uma clínica da psicose*. São Paulo: Edições Médicas.
- Castel, R. (1994). Da indigência à exclusão social. In: *Saídeloucura* (Vol. IV; pp. 21-48). São Paulo: Edições Médicas.
- Castel, R. (1998). *As metamorfoses da questão social*. São Paulo: Vozes. (Original publicado em 1995)
- Ferreira, A. P. (1998). Migração: Desdobramentos. In: *Psicologia, 8*, 97-115.
- Ferreira, A. P. (1999). *O migrante na rede do mundo*. Rio de Janeiro: TeCorá.
- Jacques, M. G. C. (1998). Identidade e trabalho. In: A. Tamayo, J. E. B. Andrade & W. Coelho (pp. 41-47). São Paulo: Cooperativa de Estudos e Publicações.
- Justo, J. S. (1998). Errâncias e errantes: Um estudo sobre a psicose. In: Em J. S. Justo & R. Y. Sagawa (Orgs.), *Errâncias e errantes: um estudo sobre a psicose*. São Paulo: Arte & Ciência.
- Justo, J. S. (2000). Saúde mental em trânsito: a psicose na sociedade contemporânea. Em M. L. Lacerda (pp. 09-29). Maringá, PR: Eduec.
- Melo, A. L. N. (1979). *Psiquiatria*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Nascimento, E. C. & Justo, J. S. (2000). Vida e morte social. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 13*, 5-12.
- Signorini, I. (1998). Figuras e modelos contemporâneos. In: Signorini (Org.), *Língua(gem) e identidade cultural*. São Paulo: Fapesp.
- Singer, P. (1999). *Globalização e desemprego: Diagnóstico e perspectivas*. São Paulo: Edições 34.
- Snow, D. & Anderson, L. (1998). *Desafortunados*. Trad. Vasconcelos, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes.